

REGUA — O salgueiral

(Cliché de A. Teixeira).

PROPRIETARIO

Joaquim Antonio Pereira Villela.

DIRECTOR

Dr. Francisco de Sousa Gomes Velloso.

ADMINISTRADOR E EDITOR

Clemente de Campos A. Peixoto.

Ilustração Catholica

Revista litteraria semanal de informação graphica

Redacção, administração e typographia
83, R. dos Martyres da Republica, 91
BRAGA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA
(PAGAMENTO ADEANTADO)

Portugal e colonias—Um anno, 4\$800.
Semestre, 2\$400. Trimestre, 1\$200 rs.

A cobrança feita pelo correio ou pelo entregador,
acresce o importe das despesas.

Extrangeiro — Um anno, 5\$400.

Numero avulso, 100 rs.

Numero 279

Braga, 2 de novembro de 1918

Anno VI

Monte-Pio do Clero Secular Portuguez

Successor da Veneravel Irmandade
dos Clerigos Pobres de Lisboa

O clérigo d'ordens sacras, que desejar alistar-se n'este Monte Pio, deve enviar ao Rev. Padre Alfredo Elviro dos Santos, morador na Avenida Fontes Pereira de Melo, 41, Lisboa, os seguintes documentos:

—1.º Certidão de idade, devidamente reconhecida por notario.
—2.º Dois attestados, ou declarações medicas juradas e reconhecidas por notario, em como não soffre de malestia actual, ou habitual (p-lavras textuaes).—3.º Attestado, ou declaração jurada, do secretario da Camara Ecclesiastica respectiva, ou do Vigario da Vara, Arcepreste, ou Ouvidor, em como está no legitimo exercicio das suas ordens, exerce o cargo de... e não está incurso em processo algum ecclesiastico ou civil.

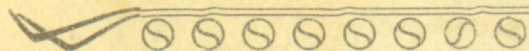
Os documentos podem ser em papel commum.

Se o clérigo residir na Archidiocese de Braga, principalmente no concelho de Braga, deve dirigir-se ao Rev. Padre Arnaldo Carlos Lamas de Oliveira, residente na rua de 5 de Outubro, n. 80, em Braga, ou ao Rev. Padre Leonel Aragão Dantas de Sousa, morador em Laranjeira, Monção, se residir no concelho de Monção; ao Rev. Padre Domingos Affonso do Paço, capellão da Misericórdia de Vianna do Castello, se residir no concelho de Vianna do Castello; ao Rev. Padre Mauuel da Costa Freitas Reis, se residir no concelho de Famalicão; ou ao Rev. Padre José Antonio de Campos Junior, parochio de S. Vicente de Aljubarrota, se residir no concelho de Alcobaça.

Os referidos Revs. Padres são socios correspondentes do Monte-Pio; prestam todos os esclarecimentos, facilitam as admissoes, recebem as quotas, pagam subsidios, etc.

Este, concede subsidio na doença, suspensão e falta de collocação; paga visitas medicas aos socios residentes em Lisboa e nas terras em que residirem 20 socios; dá 10 escudos para operações chirurgicas, ou conferencias medicas e 10 escudos para auxilio das despesas com processos ecclesiasticos ou civis; todos podem celebrar na capella do jazigo, sito na rua numero 5, do cemiterio do Alto de S. João: faculta a livraria aos socios, que a desejaram consultar; tem direito a comprar para si e para as suas familias medicamentos mehores e com abatimento de 20 p. c. nas pharmacias mutualistas de Lisboa; todos têm direito a ser sepultados ou depositados no reteteiro do jazigo, etc.

Concede o subsidio de vinte e cinco escudos e mortalha para o funeral dos socios residentes em Lisboa, e o de vinte escudos para o funeral dos socios residentes fora de Lisboa.



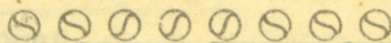
FRIGIDEIRAS E RESTAURANTE

Casa do Cantinho



Largo de S. João do Souto
BRAGA

Estabelecimento mais antigo
e acreditado n'este genero



Collegio de S. Thomaz d'Aquino **BRAGA**

Fundado em 1896

DIRECTOR

Padre Manoel Joaquim Peixoto Braga

Admitte alumnos internos, externos
para o curso dos Lyceus, Commercial e
Instrucção Primaria..

Colégio Académico GUIMARÃES

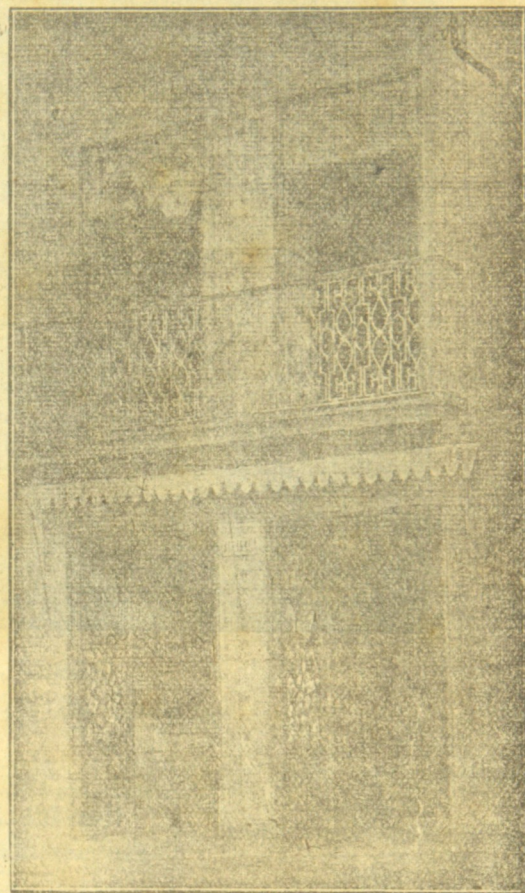
Campo da Misericórdia

A casa de educação e ensino mais
antiga desta cidade

Bons resultados nos exames e
sólida educação são o seu réclame.

Pedidos aos directores.

*Dr. Alfredo Peixoto
Luiz Gonzaga Pereira
P.º José Maria dos Santos*



PHOTOGRAPHIA ALL'ANÇA

44 Praça Alexandre Herculano, 45

BRAGA



ILUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista litteraria semanal de informação graphica



Proprietario Joaquim A. Pereira Villela. Director Dr. F. de Souza Gomes Velloso

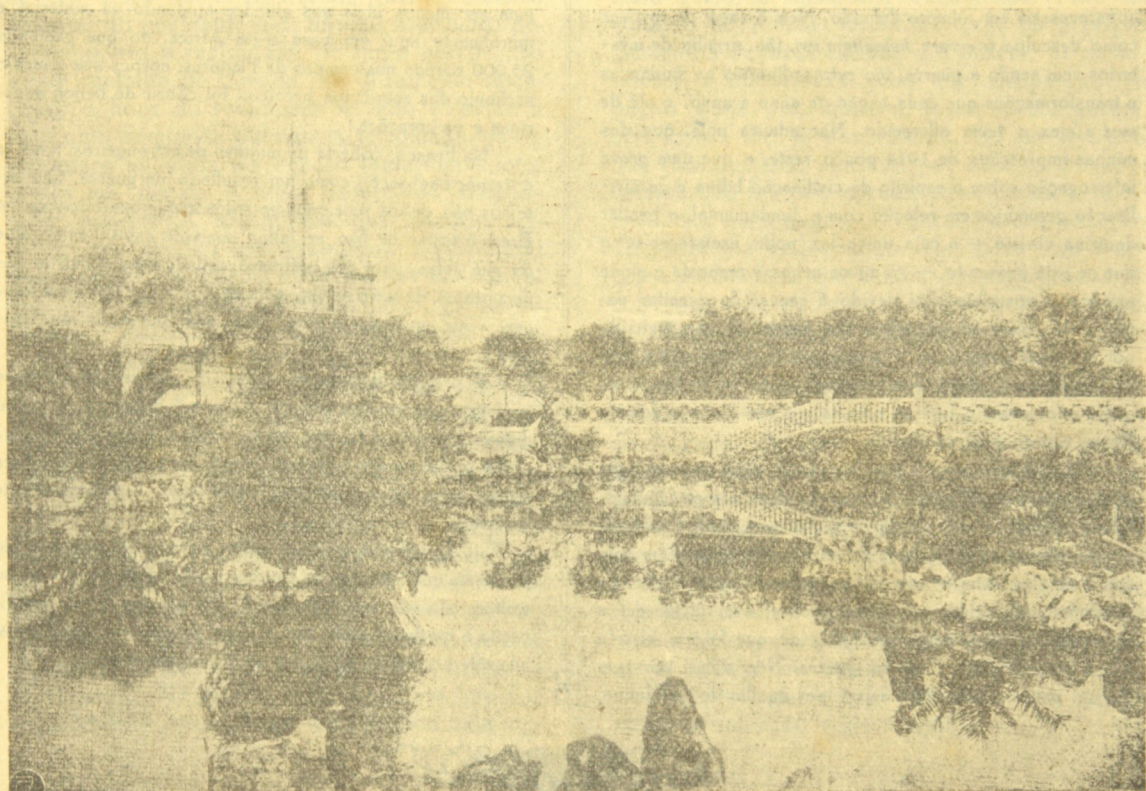
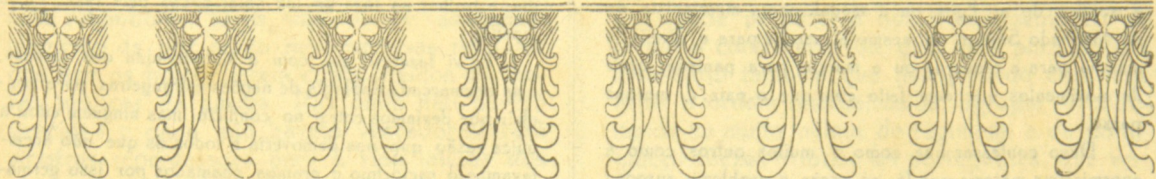
EDITOR E ADMINISTRADOR

Clemente de Campos A. Peixoto

Braga, 2 de Novembro de 1918

Redacção, Administração e Typographia
83, R. dos Martyres da Republica, 91
Não se restituem os originaes

Numero 279—Anno VI



Belem — Jardim Colonial



Depondo ...



ONHECEM já os leitores as informações curiosas que o sr. Cunha e Costa trouxe de Paris, e lá colheu á hora a que o velho imperio austro-hungaro estalava e se repartia em mil pedaços. O sr. Cunha e Costa resumiu melhor ou peor o que ouviu, e a muitos surprehenderia o que elle disse, e que affecta profundamente a reorganisação politica da Europa.

Eu não quero — longe d'isso! — arrastar o leitor pelos corredores de um labyrintho como o das relações internacionaes, em que não se pode caminhar sem guia experiente, como nas catacumbas christãs...

Mas vale a pena tracejar aqui o problema que domina actualmente aquellas relações — afinal mais importante que a politica do sr. Egas ou a megalomania messianista do sr. Machado Santos, ou mesmo a marcha para a direita, a marcha para a esquerda ou a marcha para pantano, série de movimentos que tem feito com que o paiz... marque passo.

Devo confessar que, como a muitos outros, como á enormissima maioria que lê, só agora o problema europeu se me antolha perfeitamente explanado em todos os seus factores, como uma equação cujas incognitas subitamente apparecessem em numero definido. Nem é caso de invocar como desculpa o *errare humanum est*, tão prehe de mysterios vem sendo a guerra, tão extraordinarias as mudanças e transformações que cada nação de anno a anno, e até de mez a mez, o tem offerecido. Não admira pois, que das minhas impressões de 1914 pouco reste, e que uma grave interrogação sobre o espirito da civilisação latina e da civilisação germanica em relação com a fundamental, a basililar doutrina christã — a cuja unica luz pode esclarecer-se o que se está passando, — só agora achasse resposta e ainda assim não completa. Foi devido á recusa de aceitar como boas todas as diatribes, ao receio de ser embaído por exageros e mentiras, á preocupação de ser justo, que eu jamais me submetti aos criterios extremos, radicaes, os quaes apontavam o inferno para lá e o céu para aquem do Reno e para além do Vistula.

Foi a essa recusa, a esse receio, a essa preocupação minhas como de milhares de pessoas, que, uns por imbecillidade atrevida e não isenta de sectarismo, outros por cegueira, não de intellecto mas de apreciação, chamaram aqui como em Hespanha e mais paizes, germanophilia. O mesmo pundonor intellectual que m'as aconselhava, dictou-me a convicção absolutamente arreigada de que foi um erro a nossa intervenção militar na guerra. Não deixei por isso de ser patriota como não deixei por aquillo de ser latino,

amante da minha raça, orgulhoso dos seus bons predicados e portanto condemnador dos seus vicios ou defeitos.

Mas veio isto a proposito... Ah! d'um parvo que me dirigiu uma carta antepondo no sobrescripto ao meu nome o tratamento allemão *herr doktor*, ignorante de que o *k* não enfra n'aquella palavra. Não alembro o *stultorum*... do dictado latino, digo apenas que um dia verei apanhados com a bocca na botija das mentirolas grosseiras a muitos que por ahí descontam sobre a Civilisação, o Direito e a Justiça o que lhes vem á cabeça. O tempo é um grande juiz. A correcção dos factos é ainda a melhor! Ha apenas uma instituição e uma doutrina immutavel no mundo, porque ambas guardam a verdade: a Igreja e o catholicismo. Tudo o mais tem o fugaz claror do relampago, é poeira de um dia, a brilhar na faixa de luz solar coada pela rexa d'uma janella.

Eu vi fazer-se ahí, com a tinta humida dos jornaes, uma desmarcada apologia de nações estrangeiras, para concluir que deviamos entrar no conflicto, mas ninguem citou a unica rasão que nos demoveria a todos os que não acceitavamos o raciocinio e eramos chamados por isso germanophilos: os interesses de Portugal espesinhados, o nosso territorio invadido; ninguem demonstrou que nós poderiamos ser menos uteis aos alliados ajudando-os material e moralmente aqui em casa e em Africa, do que gastando 25.000 corpos nos campos da Flandres, corpos aos quaes o archanjo dos sacrificios heroicos foi cobrir de beijos as feridas e os corações!

Na França, coberta de milhões de estrangeiros, téme-se a desnacionalisação como um resultado da guerra. Que diremos nós, de um paiz onde ao soldado que desembarcou em Brest a tiritar de frio, se fallou, mais de estranhos do que da sua terra, para que soffresse callado esse e outros padecimentos, de um paiz que mais do que nunca pensa em francez, veste em inglez e cóme não sei a que moda ou figurino?

E' proprio de sensatos mudar de parecer quando essa mudança se impõe ao espirito. O que é indigno é ter como digna de prémio a traição, como verdade a mentira, só porque o partido assim o manda. Nunca me conformei com taes regras e já agora morrerei impenitente, impenitentemente *reaccionario*.

...E fallaremos então, leitor, para a proxima vez, do problema politico que na Europa agora se debate, — muito embora isto não seja folhetim. O que ahí fica é uma justificação e um depoimento, não só meu, como de muitos outros, vilmente accusados de anti-patriofismo, como eu.

F. V.





Por J. de Faria Machado.

Por Portugal.

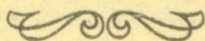


AVISINHA-SE a paz e não tivesse partido o gesto pacifista da America e já a estas horas entre as chancellarias se trocariam os necessarios *pour parlars* e os armistícios seriam um facto. Aos interesses de Inglaterra, postos mais uma vez em jogo com a supremacia evidente que a America vae adquirindo, não lhe convem uma paz *yankee* como lhe não conviria uma paz alemã. Guerra commercial, commercialmente tem que ser liquidada hoje, que de lado a lado se desvaneceram já os fumos illusorios d'uma derrota retumbante. Deus sabe até se as consequencias da paz serão mais ruinosas para todos que os horrores sem conta, vividos nas horas tragicas da guerra. Paz onde não haverá vencidos e onde não haverá vencedores trará sinistras repercussões para a vida interna dos paizes em lucta. Porisso mesmo todos se preparam para fazer face á commoção natural que agitará esses povos no dia em que, no sinistro balanço do seu esforço e do seu sacrificio, pezarem o frio a inutilidade de tanto horror. Só n'este cantinho de Europa, tão duramente ameaçado, a hora do raciocínio se não avisinha e com uma criminosa indolencia relegamos, passivos, para as mãos do accaso tantissimos interesses em perigo. Como haveremos d'apparecer perante a assembleia das nações, agitando um pendão de desordem, significando como nação, um estado d'indisciplina anarchico, que não offerece consistencia nem garantia? Fomos, é certo, aos campos de batalha, sem preparação e sem forças, e lá honramos o nosso nome porque isso dependeu somente da bravura heroica dos soldados portuguezes, mas não poderemos ir tão d'improviso á conferencia da paz, sem um governo forte, que tenha assegurado o problema da ordem e que ás nações offereça solidas garantias d'estabilidade e d'energia. E' preciso que se convençam que alli, n'aquella assembleia d'eleição, constituida pela *elite* mental e politica de cada paiz, se não debaterão os interesses dos republicanos ou dos monarchicos mas os interesses mil de todos os portuguezes. No estado desgraçado em que nos encontramos, vivendo as incertezas d'uma de-

sordem constante, com revoluções-chacinas a tantos dias de vista, é que lá não poderemos apparecer, porque seriamos enxotados justamente como povos incapazes de fruirmos direitos e autonomia, e o nosso dominio colonial, que alli vae ser duramente ameaçado, pela cupidéz de todos, pela ambição já desmascarada d'alguns, ficaria vogando á rebellia sem um protesto, sem um lamento sequer. Só a constituição immediata d'um governo forte, sem caracter partidario, verdadeiramente nacional, verdadeiramente inspirado nos altos interesses da nação, pode preparar a nossa representação na proxima conferencia da paz, mas para isso, é necessario tambem que assegurando com mão firme a ordem interna, saiba, agrupar — collocando-se muito acima de regimens e de politiquices soezes — todos os portuguezes, que verdadeiramente amem a sua terra, que é a patria gloriosa de todos e não o logradouro vil de meia duzia de bandidos audaciosos. Para tal solução só n'uma classe eu vejo os precisos elementos de neutralidade e d'ordem, de desinteresse e de firmeza, para que, preparando a nação para paz mundial, façam e assegurem, seja como fôr, a paz interna. Só no exercito que recentemente affirmou por uma forma irrefutavel que lhe não agrada sovietismos nem liberalices demagogas, se encontrará a solução do problema de momento. Mas para isso é necessario tambem que todos os portuguezes se convençam de que a hora é de perigo e de que o esforço de todos é necessario á integridade e autonomia de Portugal.

Vá de vez para o cesto inutil das ideias velhas, a politica cobarde e conselheiral do eterno Accacio, de que só os republicanos devem arcar com as responsabilidades da hora tragica que se avisinha, norma passiva de meia duzia d'inuteis commodistas, que acima da Patria põe burguezmente o egoismo das suas pseudas convicções, e vamos resolutamente para o fim, seja como fôr e com quem fôr, aproveitando tudo e todos, porque a Patria em perigo reclama o esforço de todos os seus filhos.

Por Portugal — seja a divisa d'uma politica nova de salvação e de triumpho.





SERÕES AMENOS



DE FREY GIL DA SOLEDADE,
BORESSO DA FALPERRA.

LX

Diccionario enygmatico.

I

Seu uma coisa, que, só,
Não posso ter serventia,
E para fazer-me boa,
Põem-me em má companhia.

O que de mim se estimula
Commigo não se põe mal.
Quer na cama quer na mesa
Sirvo bem a muito muito mal.

Dos cinco sentidos, um
Fica de mim descontente,
Ando, por valer a muitos,
Na boca e nos pés da gente.

II

Os homens me dão governo,
Aos homens governo eu dou;
Quando se esquecem de mim
O meu governo acabon.

III

Indo por aqui abaixo,
Deus guarde a vossas mercês,
Levo ás costas quem procura,
Na barriga quem me far.

IV

Sesente preta, terra mimosa,
Logo que se planta nasce uma rosa.

V

Tem alma — é material,
Tem ouvidos — não é animal.

VI

Eu nasci dentro d'um berço,
Que ninguém focar ousava.
Aquelle que lhe mexer
A pôr-lhe a mão não tornava.

Nas cidades, villas e hortas,
Quando me apanham crescida,
As mulheres ociosas
Commigo ganham a vida.

Tiram-me o fato, ando nua,
Na velhice ao tempo exposta;
Quanto mais encarquilhada
Mais a gente de mim gosta.

VII

Não sou negra da Guiné,
Nem vim da costa da Mina,
Sou uma preta creoula
De estatura pequenina.

De cávida nada fenho,
Ser fria é meu natural,
E porisso com meu sangue
Sei atalhar certo mal.

Tenho uma mãe muito farta,
Tão boa condição tem,
Que, depois que cria os filhos,
Dá sustento a mais alguem

VIII

Paes altos, mães baixas,
Filhos pretos, netos brancos.

IX

Nós somos cinco irmãsinhas
Todas cinco muito eguaes.
Uma de nós anda nua
Para vestir as demais,

X

Verde foi meu nascimento,
E de lucto me vesti,
E para dar gosto a outro
Grandes penas padeci.

XI

Todos gostam de apalpar-me.
Mas ninguém ainda me achou.
De trileza origem sou,
E só pode aniquillar-me
O melhor que Deus criou.

XII

Quasi sempre vivo presa
Por ter boa criação.
Guardo tudo o que me dão,
Sou da primeira nobreza,
Mas não descendo d'Adão

XIII

Venha cá, senhor estudante,
Se sabe a philosophia:
Qual é a ave voante
Que não tem peitos e cria.
Aos vivos dá alimento
E aos mortos alumia?

XIV

Digo tudo, feito em partes:
Todo junto, nada digo.
Sou no mundo muito antigo,
E ensino aos homens as artes,
Quando se criam commigo.

XV

Mui poucos me acham no mar;
Poetas, ser me me dado,
Sou nas hortas transplantado,
E difficil de encontrar,
Andando a todos pegado.

XVI

Sou corpo com muitas linguas
E com todas ellas fallo:
Quando estou com quem me entende,
Por dar gosto não me callo,

Tenho dez amigos certos,
Com elles muito me dou,
Elles são que me procuram,
Eu nunca buscá-los vou.

XVII

Nua e crua me puseram
Sobre o fogo abrazador.
Do tempo exposta ao rigor
Longos dias me trouxeram.
Sobre a pedra lisa e dura
A côr mudar me fizeram.

Hoje, em quatro paus segura
Em continuas voltas ando,
Até que, extincta ficando,
Mudo de nome e figura.

UMA PAGINA D'ARTE

por Manoel Semblano.

David de Souza.

Viu-o em Coimbra, n'um serão d'Arte. Uma figura exótica e imponente, de cabello á Liszt, que saudava o publico com uma altivêz deliciosa, um tudo nada elegante, amaneirado talvez, mas revelando-se um precioso homem d'Arte.

A orchestra executou, n'um verdadeiro ecletismo, trechos de diferentes epochas e de variadas escolas. Destaco a *Valsa triste*. Foi um primôr de levêsa, de graciosidade e de rithmo essa pequenina pagina de Sibelins. Mas quando a orchestra atacou furiosamente, com um brio inaudito, com um entusiasmo singular, com um fogo sagrado, a *Cavalgada* de Wagner, um sôpro de genio animou a batuta do maëstro e todo elle vibrava n'um arripio heroico, semi-transfigurado, quasi febril em certas passagens agitadas — segredo que trouxera consigo da escola de Leipsig.

Educado na Allemanha com essa férrea disciplina, tão rigorosa no exercito como na musica, David do Souza guardava ainda assim a maior predilecção para os auctores russos. Antes do seu regresso a Portugal eram quasi desconhecidos entre nós Borodine, Mussorgski, Tchaichovski, Rimski Korsakov... Elle apresentou-os primeiro com receio, depois com soberana distincção. Divulgou-lhes as suas paginas mais celebres, fez admirar a sua belleza aspera, o seu mysticismo ardente, a sua paixão exaltada, a sua anarchia perturbante. O publico habituou-se a exhotismos desconhecidos e applaudiu-lhe a «*Rapsodia slava*» em homenagem á grande Russia...

Agora durante as férias, na soberba praia da Figueira, emquanto não recommçavam os Concertos Symphonicos, David de Souza trabalhava n'um arrojado poema musical, sobre a «*Morte de D. João*» de Guerra Junqueiro. Afinal a morte surprehendeu-o. Apenas teve tempo de concluir a primeira parte: *Sabilomia*, deixando esparsas e confusas algumas notas sobre os outros cantos...

Na cidade

Estonteia o bulício da cidade,
Que estrepito de vozes e pregões!
Cavallos, trens, *electricos*, peões,
Cruzando-se em promiscua actividade;

A' noite um gaz de viva intensidade
Pelas ruas lançando os seus clarões;
Ricas lojas fazendo exposições
De tudo o que ha de preço e novidade;

Em theatros e festas variadas
Agitando-se alegres as camadas
Que abrange tanto o povo como o nobre.

Por toda a parte um doido movimento;
Mas tambem que terrivel soffrimento
Nos bairros onde á mingoa vive o pobre!

Na aldeia

Que silencio, que paz e que doçura
No suave repouso de uma aldeia!
Como a vista se alarga e se recreia
Por seus campos cobertos de verdura!

Nos valles, a ribeira que murmura;
Na balsa, a toutinegra que gorgeia;
Da terra, que se cava e se semeia,
Os fructos despontando com fartura;

Rebanhos a pascerem nas collinas;
E as aguas das nascentes *crystallinas*
Serpeando atravez fragosidades.

Aldeia, ó santa aldeia! o teu regaço
E' tão bom que elle até quebra o canção
Da vida que se leva nas cidades.

Pedro Vidoeira.

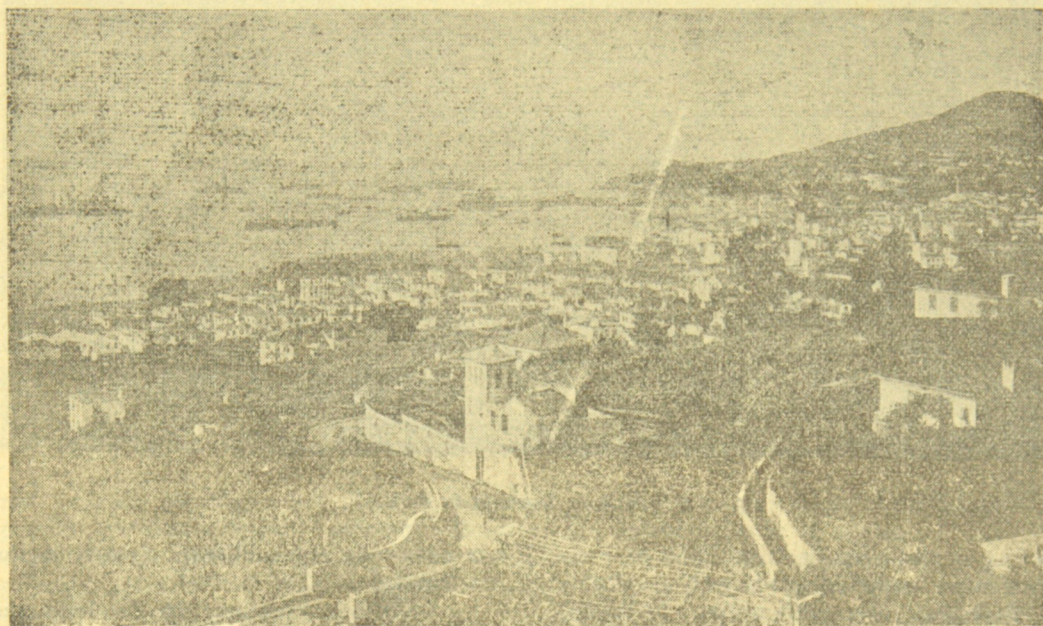
TERRIVEL VIAJANTE!

Conto por J. Rochon.

BRA Chaudaille quem fallava, o gordo Chaudaille com seu nariz comprido e vermelho como um pimento, seus olhos desabrochando á flôr da cabeça, e um accento meio gascão, meio marsehez, mais finamente gracejador que as notas d'um melro replicando a uma tordeia...

— Um telegramma chamara-me apressadamente a Paris e tomei logo de tarde o expresso de Avinhão. Devido a uma corrida de toiros que tinha havido em Marselha, o comboyo vinha litteralmente desbordado de passageiros.

mas quasi imprecisas, mas assás accusadas no emtanto para me deixarem suppôr a presença d'um homem. Porque milagre occupava sósiinho, aquelle homem, o compartimento, quando todos os outros estavam cheios a mais não? Este ponto de interrogação não pôde desenhar-se inteiramente no meu espirito porque apenas vi desdobrar-se ante mim aquella madrugada que consiste em um passageiro dizer para consigo mesmo, todo satisfeito: «Só para dois!». Peguei na mala e abri bruscamente a porta do compartimento.



Vista geral do Funchal — capital da ilha da Madeiro.

Pousei a minha maleta no corredor d'um wagon de segunda e puz-me á procura de um lugar disponivel. Não era coisa facil; em vão explorei trez compartimentos, até que um quarto me arrancou subitamente áquelle transporte infimo de alegria que se apodêra d'um commerciante ao topar collocação para os seus artigos.

A cabeça mollemente deitada sobre uma almofada, o corpo estirado a quasi todo o comprimento do banco do lado direito, alguém estava alli, que parecia dormir. O fraco fio de luz que se filtrava atravez das suas cortinasinhas cuidadosamente descidas sobre o improvisado leito, não me permittia entrevêr senão for-

Um phantasma barrou-me o caminho:
— *Oh! Sia il benvenuto... E' il Cielo che lo manda... Senza lui, morrivo solo... Gran Dio, ti baingrazio!*

Conheço muito imperfeitamente a lingua de Dante, mas pude traduzir a exclamação do singular viajante d'esta maneira:

— Sêde bem-vindo! E' o céu que vos envia! Sem vós morria só! Grande Deus, agradeço-te!...

Como sabem, não sou dos que se commovem facilmente. Examinei na sombra o meu interlocutor. Pareceu-me embruhlado n'uma manta de viagem. O rosto enquadrava-se-lhe n'um

panno branco que offerecia vaga analogia com o capuz d'um albornoz e tornava mais viva, mais incandescente, a chamma das duas pupilas, febris, diabolicas!

Como o sujeito continuasse estendendo para mim os seus braços supplicantes, excessivamente implorativos, logo estabeleci a convicção de que me achava na presença d'um doido!

— Sente-se doente? perguntei machinalmente.

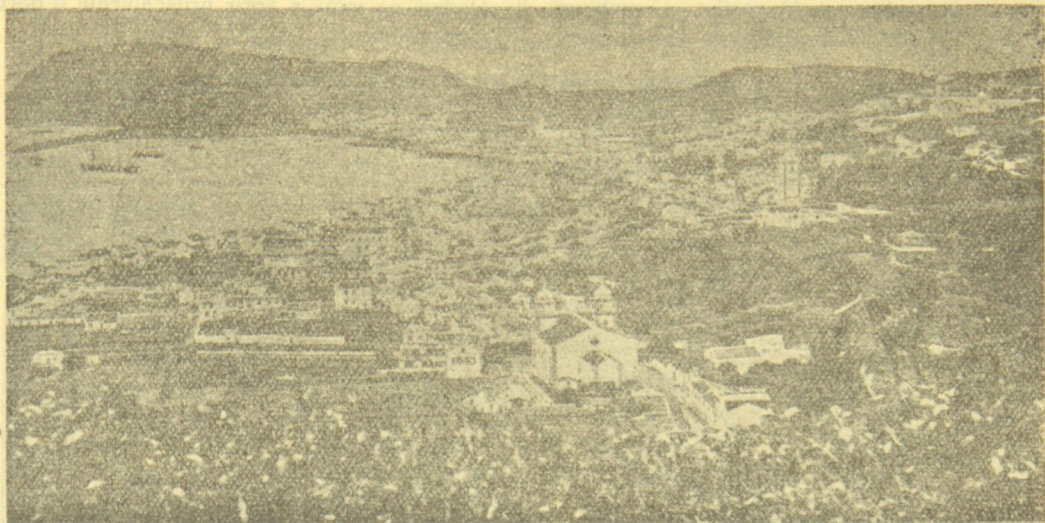
— Sou cholérico!

Adivinha-se com que vivacidade retrogradi e empurrei a porta do compartimento. Precisamente os telegrammas dos jornaes andavam então mencionando, hora a hora, a invasão da terrivel epidemia asiatica que tem por berço as margens do Ganges. Rigorosas ordens haviam sido executadas nas fronteiras pelos serviços de saude. N'uma palavra finhamos o choléra á

perdurava menos e revestia todos os caracteres d'uma obsessão indomavel, aguda, positivamente idiota. Para me livrar d'este pesadello, abri-me com um padre velhote que occupava o angulo do compartimento á minha direita.

— Já sei o que isso é! respondeu-me elle sorrindo, fui vinte annos missionario nas Indias e nas colonias do Extremo-Oriente. Conheci bem de perto as mais temiveis epidemias d'essas regiões. Curvei-me sobre a cabeceira de milhares de febricitados, de pestiferos, de choléricos! Nunca assomou ao meu espirito a ideia de um contagio possivel... Esses males são como os outros: quando o moral é são, o physico nada recebe.

E citou-me casos, narrou-me muitas circumstancias que escoravam por modo peremptorio os argumentos d'uma these que aliaz nada tinha de scientifica e repousava apenas



Vista geral da cidade da Horta.

porta! O momento era mal escolhido para me demorar n'um wagon infestado por um doente d'aquella especie. Precipitei-me para o lavatorio, refresquei a cara, lavei as mãos, e instantes depois escolhi domicilio n'uma carruagem da cauda do comboyo.

Por mais que nos digamos inacessiveis ao pavor, em circumstancias como esta, contra nossa vontade, o espirito imprégna-se de reflexões absurdas, de superstições e de terrores occultos.

Confesso-lhes, com toda a sinceridade, que não me sentia seguro. Camarinhas de suor frio emperlavam-me a nuca e as fontes. Mórvidos arripios percorriam-me a epiderme, como se agulhas passassem suas pontas por toda a minha carne!

— E' bem estúpido semelhante medo! dizia para commigo mentalmente. Mas a estupenda apreensão, absolutamente desarazoada não

na convicção tranquillizante d'um temperamento impávido.

— Os seus receios são de todo pueris, concluiu o sacerdote. No seu logar riria da minha aventura... Ficára eu trez quartas partes reserenado pelo calor communicativo do meu interlocutor, quando, na paragem de Valence, um homem surgiu no nosso compartimento.

— Ah! exclamou elle, apesando-se do unico loger vago, e com essa emphase inherente aos coxeiros viajantes que frequentes vezes aproveitam pretexto para se indignarem contra todas as picuinhas administrativas. E' demais! Vem um cholérico no comboyo!... E ainda nos fallam das medidas sanitarias rigorosamente tomadas na fronteira italiana e de todo o palanfrorio edictado pela repartição de hygiene publica! Apre!

Defrontava commigo no banco opposto uma senhora nova. Perdeu logo os sentidos ao ou-

vir-taes palavras. O bravo missionario teve de tirar precipitadamente um frásco de saes da sua mala. Quando tornou a si da syncope, ella lançou-nos um olhar aterrado!

—Previnam o chefe da estação, balbuciou.

Olhamos uns para os outros. Evidentemente era o que já ha mais tempo devia ter sido feito... Ah! mas o comboyo desamarrava, era demasiado tarde. A jovem evadiu-se para o corredor, e o caixeiro viajante loquacissimo seguiu-a, ardendo por contar aos ouvidos de todos os passageiros o facto terrificante que elle rodeava e accumulava de detalhes prolixos e grandes gestos:

—Afigurem-se de que ao entrar por méro acaso n'um compartimento, achei-me na presença d'uma larva humana, a estatua agachada entre pannos e ligaduras, e a tiritar de fêbre!... Imaginem. Ah! se vissem aquella tez d'um verde de oliveira e aquelles olhos coruscantes co-

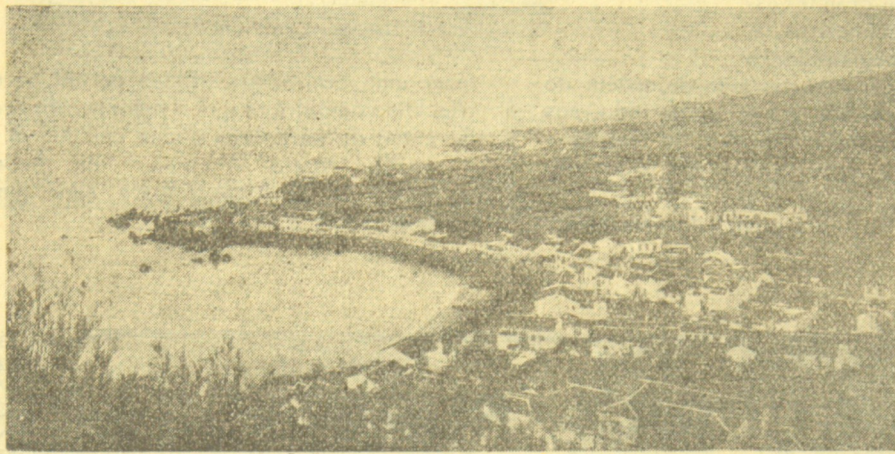
D'um compartimento reservado desembocou de repente um sujeito cuja severa phisionomia angulosa se enfeitava com uma onda de barbas tão ruivas como sedosas. Devia, com certeza, ter sabido da noticia terrivel sob o jacto de mau humor que sobrevem a um somno brutalmente interrompido, porque exclamou, com voz tonitruante:

— Isto é simplesmente odioso! Sexta-feira que vem, interpellarei o governo a tal respeito, e não lhe pouparei a verdade, com todos os diabos!...

Felizmente aproximavamo-nos de Lyão. Alguns minutos apoz a paragem do comboyo, o commissario especial de saude, seguido do sub-chefe da estação e de dois agentes, penetraram no compartimento contaminado... O homem repousava estendido no banco e os seus roncos sonóros attestavam perfeita beatitude.

—E' o sr. o cholérico? interrogou severamente o commissario.

O individuo não respondeu. A um signal do magistrado os policias sacudiram-no para o arrancarem dos braços de Morpheu. Desta vez, endireitou-se sobre o assento e perguntou



Horta — Sitio do Pesteleiro.

mo... como os fôcos d'um pharol! Deus me perdôe, que tenho a pelle arripiada! E coisa ainda mais pavorosa: o homem implorava-me, gritando que tinha o chôlera, suplicando-me que não o deixasse morrer só!

Foi como uma explosão d'um cabo ao outro do comboyo: em menos de dez minutos todos os passageiros tiveram conhecimento do que se passava. O wagon onde se encontrava o individuo contaminado, esvaziou-se como por encanto. Viam-se mulheres girando, pálidas de panico, no corredor, apoiando-se com a mão aos puxadores com receio d'um desfalecimento. Os homens, esses, mais corajosos, mais estoicos deante do perigo, contentavam-se com proclamar bem alto a sua indignação:

—E' inaudito! E' inaudito e abominavel!... De que servem as medidas de segurança editadas pelo governo?... Se em caso de guerra as nossas fronteiras estão tão bem guardadas como agora...

com os olhos cheios d'uma estupefação que o disputava ainda ao somno:

— Que me querem?

—E' o sr. o cholérico? repetiu o commissario... Desça depressa e siga-me.

A phisionomia do desconhecido illuminou-se subitamente d'um reflexo de intensa alegria, e uma poderosa gargalhada abriu-lhe os labios:

— Quer rir-se, sr. commissario? disse elle com pura accentuação marselheza. Estou tão cholérico como o sr.! Sou um corrector de vinhos finos... Todo o dia *bati* as ruas de Marselha. Ao tomar o expresso, disse para comigo que tinha bem direito a completo repouso, visto que é dos livros de quem viaja ser incommodado a todo o momento por gente que nos esmaga os callos sem dizer agua vae! Ora aqui tem: foi isto que me levou a inventar esta *partida*, que alguns tomaram a sério...

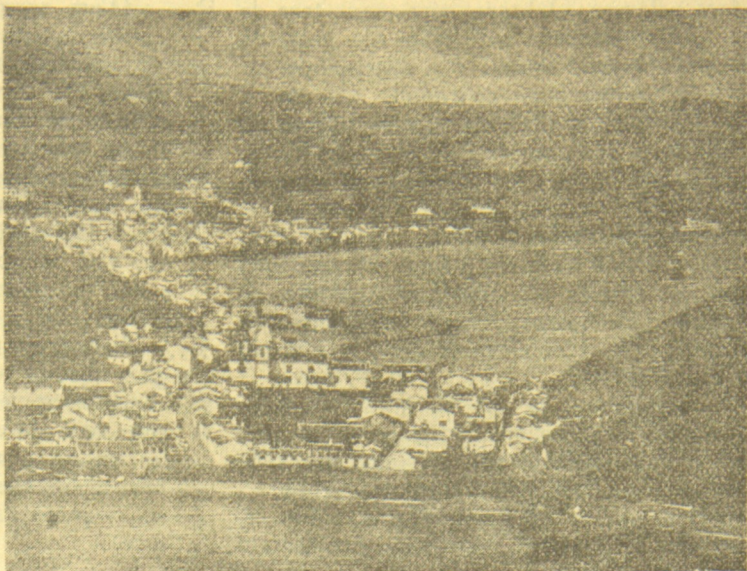
— Desça! ordenou seccamente o commissario.

— Ah! gracejal... Tenho aqui o meu bilhete para Paris e um encontro combinado para amanhã com um grande commerciante de Bercy. Negocio para dez mil francos, co'a bréca! Entendeu? Preferiria perder as calças no caminho do que perder a viagem!

— Desça! repetiu pela terceira vez o commissario especial. Quer haja *partida* quer não haja, tem de sujeitar-se-ha á visita sanitaria amanhã pela manhã, quando vier o medico de serviço. Entretanto passará a noite na casa de detenção!

O pseudo-cholérico indignava-se, protestava, offercia referencias de grandes estabelecimentos financeiros. A um gesto do magistrado, o sub-chefe da *gare* lançou mão da malêta do passageiro recalcitrante, e este, empurrado, aos encontros dos policiaes, desceu do wagon e atravessou o caes, debaixo dos apupos dos viajantes.

— Pobre paiz! Pobre povo! Já nem podes



A cidade da Horta, vista do Porto Pim.

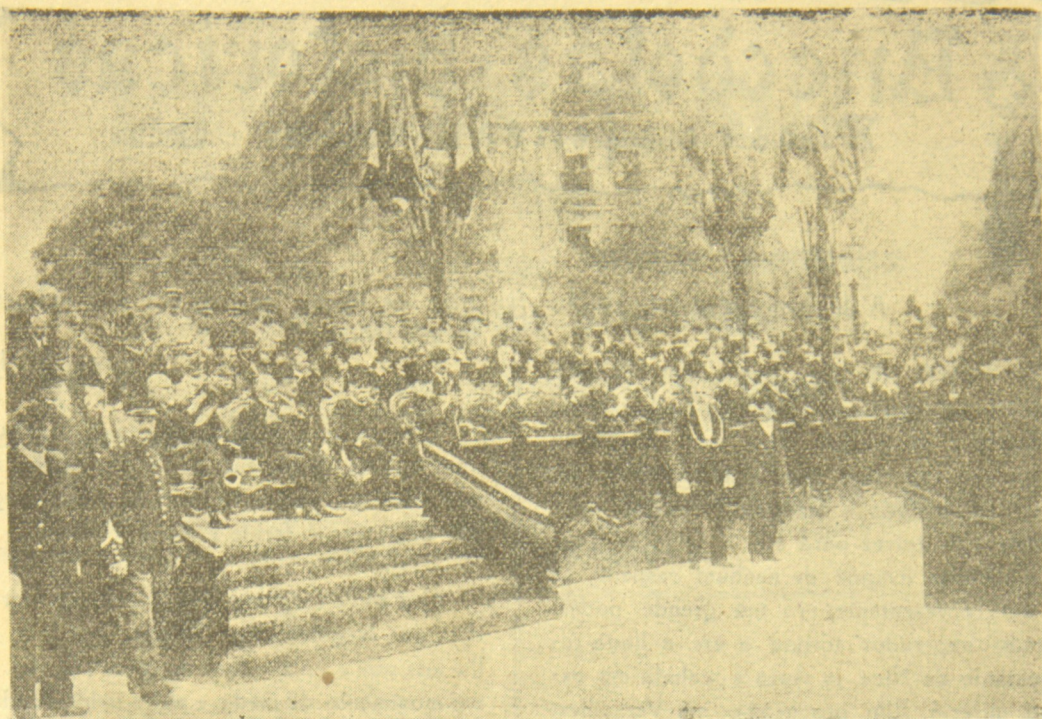
○ fazer uma brincadeira! Estás perdido! repetia elle. Um compatriota que o reconheceu, bradoulhe então da portinhola d'uma carruagem:

— Eh! Mario! A culpa é tua, diabo... Já sabes que de Avinhão para cima ninguem conhece o que é rir!...

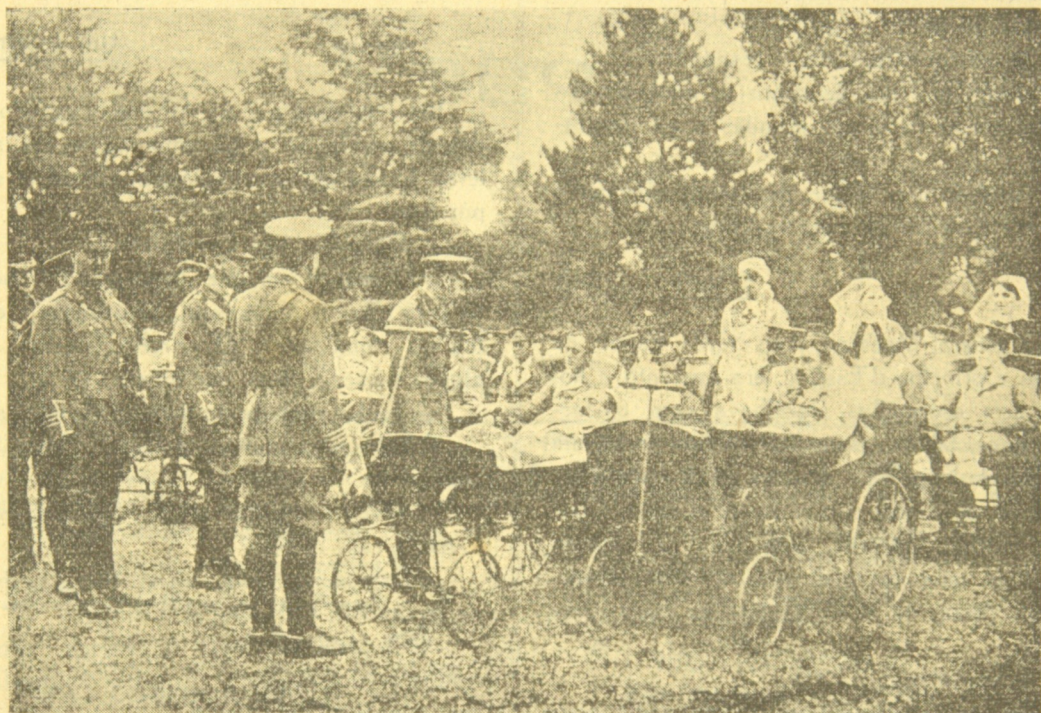
GUERRA EUROPEIA



Soldados alemães trabalhando na abertura de caminho através de um bosque em França.



Os snrs. Poincaré, presidente da república franceza, Sharp, embaixador americano, Clemenceau e outros personagens assistindo à cerimonia celebrada na Avenida Tr cud ro para substituir este nome pelo de Wilson, presidente da república dos Estados Unidos da America do Norte



O rei Jorge V de Inglaterra conversando com alguns soldados enfermos n'um hospital militar francez

Anecdotas • historicas

Ditos • e • pensamentos

A desgraça e a ingratidão

No exercito de Nice havia representante, muito estúpido mas com uma linda mulher, cheia de alegria e vivacidade. Este casal dispensou a Napoleão especiaes finezas, protegeu-o contra alguns inimigos e aplanou-lhe muitas difficuldades; foi talvez para elle a salvação porque n'aquelles tempos de nenhum respeito ás leis um representante era um grande poder. Quando imperador tornou a vêr a linda representante de Nice, já viuva e cahida em extrema miseria. Ella procurou-o em Versailles, servindo-se de Berthier para conseguir fallar ao imperador pois apezar de muitos esforços não o conseguira ainda.

— Mas, senhora, como levou tanto tempo para conseguir fallar-me! Dos nossos antigos conhecidos de Nice nenhum se prestou a fazer-lhe essa fineza?

Ella sorriu tristemente e respondeu:

— Ah! sire, nós deixamos de conhecer-nos desde que se tornaram grandes e eu desgraçada.

Napoleão não só lhe fez quanto ella pediu mas até excedeu as suas esperanças.

O verbo roubar

O general Massena, mais tarde duque de Riboli e principe d'Essling, era avarento e homem sem escrupulos. Partilhava com os fornecedores, talhava para si a melhor posta, um insaciavel. Napoleão, qua era desprendido de dinheiro, aborrecia sobremaneira o espirito ganancioso de Massena, mas tinha pelo futuro marechal uma profunda estima. Não poudo, porem, deixar de o admoestar um dia asperamente:

— Isso é roubar!

Massena sorriu e bonacheironamente poz-se a dizer:

— Eu sou ladrão, tu és ladrão, elle é la-

drão, nós somos ladrões, vós sois ladrões, elles são ladrões.

Sargento Junot

Quando em Toulon se estava construindo uma bateria, Napoleão pediu um sargento ou um cabo que soubesse escrever. Um sargento deu um passo á frente e disse:

— Eu.

Quando o sargento acabava de escrever a ordem que Napoleão lhe dictara, uma bala caiu-lhe aos pés e cobriu-lhes de terra o papel. Sem um movimento de medo e até sorridente, disse:

— Já não preciso de areia.

E assoprou á terra. Esta serenidade fez a fortuna do sargento Junot, depois duque de Abrantes, coronel general dos hussaros, governador geral da Ilidia e comandante da primeira invasão franceza em Portugal.

Um calembúr

Em seguida á paz de Amiens Napoleão cuidou da nomeação d'um embaixador em Inglaterra. Ouviu algumas opiniões, pensou e disse por fim:

— Fallarei n'isso Tallegrand.

Uma manhã em que Tallegrand trabalhava com elle em Malmaison, abordou-se a escolha do embaixador. O primeiro consul citou alguns nomes e disse por ultimo:

— Tenho vontade de nomear Andreossi.

Tallegrand, que não gostava d'elle, disse indifferente:

— Queira nomear Adré *aussi* (tambem) Quem é esse Adré?

— Eu não vos fallo d'um Adré, fallo-vos de Andreossi, o general de artilharia.

Andreossi! ah, sim! é verdade, não me lembrava! Eu estava a recordar diplomatas... sim, o general de artilharia.

Este embaixador pouco tempo esteve em Londres, não aqueceu o logar.

LIVRARIA CRUZ BRAGA

Telephone n.º 29 Telegramas:—**CRUZ LIVRARIA**

Casa fundada em 1888

EDITORA das obras do celebre hidroterapista *Mgr. Kneipp*.

EDITORA de muitos livros adoptados no ensino *primario, normal secundario, especial e superior*.

EDITORA e proprietária da Coleção *Sciencia e Religião*.

EDITORA de livros de piedade—*Centelhas Eucaristicas, livro de Orações, etc.*

Completo sortido de *Papelaria* objectos de escritório—Utensilios e modelos para desenho e pintura—**Agencia de Publicações.**

Vago

Contra riscos de guerra terrestres e marítimos, grèves, e tumultos em mobílias e edificios particulares, segura a Companhia Luzo-Brazileira de Seguros

SAGRES

Séde — Lisboa, Largo S. Julião
10-2.º—Tel. Exp.º C. 2961. Tel. da Direcção:
C. 2657. Banqueiros: Pinto & Sot-
to-Maior. — Agente em Braga, Amares, Povoa
de Lanhoso, Terras de Bouro e Vieira

Manuel da Conceição Rocha
Largo do Barão de S. Martinha—BRAGA

Luneta de Ouro

Officinas de escultura, encadernação e concertos de imagens, batinas e vestes sacerdotaes.

Artigos religiosos, imagens, paramentos, harmoniums, oculos, pincenez, binoculos, cutelaria, optica e artigos de phantasia.

Aurelio Monteiro & C.ª

Rua do Ouvidor, n.º 123

Caixa postal 1588—RIO DE JANEIRO

Telephone 5593, Norte

«Ilustração Catholica» vende-se nesta casa
Numero avulso 300 rs. (moeda brazileira)

Escriptorio de Negocios Ecclesiasticos

DO

Padre Villela & Irmão

(Joaquim Pereira Villela)

Este antigo Escriptorio de Negocios Ecclesiasticos e Civis, encarrega-se de todos os negocios dependentes das repartições ecclesiasticas de Braga, Nunciatura Apostolica e de Roma, taes como processos de ordens menores e sacras e seus respectivos Breves, licenças para casamentos com proclamas ou sem elles, dispensas de parentesco em todos os graus, que a Santa Sé costuma conceder, justificações de baptismo, casamento, obito e de estado livre. Breves de redução de legados, sanatorias, em geral quaesquer Breves Apostolicos, e tambem dos negocios dependentes das repartições civis, judiciaes e militares em relação com os negocios ecclesiasticos, o que tudo é tratado com summa brevidade e maxima economia.

Tem annexas ao mesmo escriptorio uma typographia a vapor, denominada dos «Echos do Minho», e officinas de encadernação onde são executados quaesquer trabalhos, com a maxima rapidez, perfeição, e economia.

Toda a correspondencia deve ser dirigida para o respectivo escriptorio ao

P.^o Villela & Irmão

23—RUA DOS MARTYRES DA REPUBLICA—31

(Antiga Rua da Rainha)

BRAGA